

GENÉTICA Francisco Salzano é o segundo pesquisador do país a ser aceito na associação da elite científica norte-americana

Academia dos EUA dá posse a brasileiro

ISABEL GERHARDT
DA REPORTAGEM LOCAL

Mais um brasileiro tomou posse na Academia — não a tradicional “casa de Machado de Assis”, mas a Academia Nacional de Ciências dos EUA (a prestigiada NAS, na sigla em inglês). O cientista em questão é o geneticista gaúcho Francisco Mauro Salzano, 71, professor do Departamento de Genética da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul).

Salzano voltou no início deste mês da reunião anual da Academia em Washington, quando assinou o Livro dos Membros. Com o também geneticista Warwick Kerr, eleito em 1990, são os dois únicos brasileiros, até agora, a serem aceitos na instituição.

Para ser eleito, o cientista precisa ser indicado por um membro da Academia. No caso de Salzano, a iniciativa partiu de Paul Baker, da Universidade Estadual da Pensilvânia, com quem o brasileiro mantém relações pessoais e de trabalho desde a década de 60. A indicação foi reforçada por James Neel, do Departamento de Genética Humana da Universidade de Michigan, que foi orientador de Salzano no seu pós-doutoramento, nos idos de 1956-57.

Salzano foi eleito, segundo a explicação da Academia, por ser um dos principais geneticistas de população do mundo. Com seus estudos sobre povos indígenas da América do Sul, Salzano ajudou a formar a base do conhecimento sobre como o *Homo sapiens* dispersou-se geograficamente e diferenciou sua estrutura genética.

O trabalho de Salzano, que envolve a análise das variações do DNA da mitocôndria (organela da célula especializada em gerar energia que tem material genético próprio) indica que uma única migração proveniente da Ásia deu origem aos atuais índios americanos.

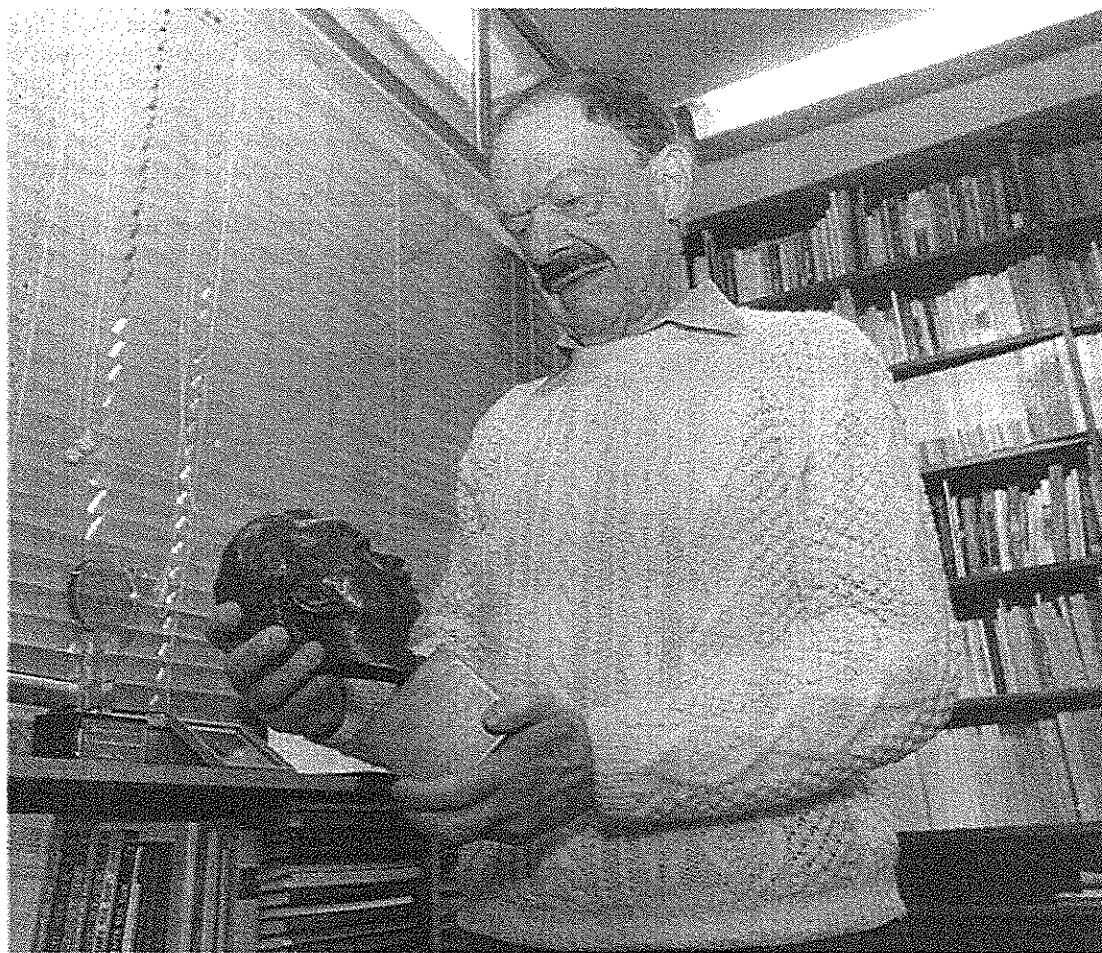
Espírito conciliador

Ao ser questionado sobre o trabalho do arqueólogo Walter Neves, da USP, que aponta uma entrada mais antiga no continente de grupos de origem africana, Salzano mostra-se conciliador.

“Realmente, as evidências arqueológicas podem ser compatíveis (com as moleculares), caso a migração mais antiga postulada pelo Walter tenha se constituído por pré-mongolóides, que teriam sido extintos após a entrada da leva que deu origem aos ameríndios atuais”, explica.

“Marcadores genéticos não-asiáticos que tenham permanecido nos nativos atuais devido a cruzamentos pré-históricos seriam facilmente confundidos com intercruzamentos mais recentes, no período histórico”, afirma.

Dito de outro modo, Salzano não descarta a possibilidade de ter havido uma leva migratória anterior àquela com características mongolóides (asiática), como foi proposto por Neves com base na análise morfológica de crânios mais próximos de tipos africanos. No entanto, seria difícil distinguir as “etiquetas genéticas” deixadas como herança por essas populações da leva anterior, pois poderiam ser confundidas com cruza-



O geneticista Francisco Mauro Salzano, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)

mentos mais recentes.

Salzano foi eleito para a seção de antropologia da NAS. “O fato de eu ter sido eleito para essa seção mostra a relação estreita que existe entre genética de populações e antropologia”, afirma.

Salzano está escrevendo com Maria Cátira Bortolini, também professora de genética da UFRGS, um livro abrangente sobre genéti-

ca e evolução de populações latino-americanas (história, demografia, morfologia, saúde, características genéticas normais e patológicas). O livro, a ser concluído até o final do ano, sairá pela editora Cambridge University Press.

Salzano diz que seu principal hobby é mesmo a genética, mas recentemente “revisitou” as obras de Eça de Queiroz. Também en-

contra tempo para os filmes do diretor polonês Krzysztof Kieslowski, como “A Dupla Vida de Veronique”.

O pesquisador teve seu artigo inaugural como membro da NAS publicado pela revista da Academia (“Proceedings of the National Academy of Sciences”). O resumo está no site www.pnas.org/cgi/content/abstract/97/10/5317.

Diretor do Inpa entrou para o grupo em 1990

DA REPORTAGEM LOCAL

Antes de Francisco Salzano, somente mais um brasileiro havia sido eleito como membro da Academia Nacional de Ciências dos EUA.

Em 1990, o também geneticista Warwick Kerr, entrou para a Academia na seção de biologia de população.

“A grande maioria dos norte-americanos considera a eleição para a Academia mais importante do que o prêmio Nobel”, disse Kerr à Folha por telefone.

Kerr atualmente é diretor do Inpa (Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia) e trabalha na introdução de abelhas sem ferrão na região. “Elas são as melhores polinizadoras”, explica.

Kerr afirma que as mudanças propostas para o Código Florestal, se aprovadas, “podem levantar o problema da internacionalização da Amazônia, pois os estrangeiros acham que não sabemos cuidar da floresta”.

Além da direção do Inpa em Manaus, Kerr, 77, orienta alunos na Universidade Federal de Uberlândia (MG). “Estou firme que nem o Pão de Açúcar.” (IG)

Zero Hora